

PARAMENTOS E ORNAMENTOS DA IGREJA PAROQUIAL DE LORDELO DO OURO - PORTO INVENTÁRIO E CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

*Manuela Pinto da Costa **

ABSTRACT: The Catholic religion is an integral part of the Western civilization and specially of Portugal. The culture we share is full of expressions, elements of faith and objects of divine service. So that, it is very important to find these materials in order to study and to preserve them as a cultural heritage and a memory to the future. We drew up this inventory of the Igreja Paroquial de Lordelo do Ouro, in OPorto and these pages are the result of a work developed within the concept of the preventive conservation of that heritage and in this particular case, the textiles used during the church service: priestly garments, paraments and hanging ornaments.

575

O conhecimento dos bens móveis e imóveis de uma comunidade é fundamental para a sua preservação como memória colectiva, portadora de uma identidade comum, na qual as gerações futuras se possam rever e encontrar elos de união com o seu passado próximo ou longínquo. A ligação ao futuro passa pela descoberta e estudo do passado, onde a História desempenha o principal papel baseado nos testemunhos deixados pela actividade humana, desde a mais remota Antiguidade, em maior ou menor quantidade e em qualquer local. Chamamos-lhe "Património" para o distinguirmos de "Herança". O primeiro, de conceito mais abrangente, é constituído em grande parte, pela vertente material e cultural dos bens recebidos, directa ou indirectamente, dos nossos antecessores, reunidos e conservados de forma casual ou intencional para ser deixado às gerações seguintes; a segunda, menos lata, diz respeito aos bens recebidos de alguém, por testamento ou qualquer outra via legal.¹

* *Camera di Commercio Italiana per il Portogallo/Porto - Escola Profissional "Profitecla"/Porto*

¹ HERNÁNDEZ, Francisca Hernández .- *El patrimonio cultural: la memoria recuperada*. Gijón: Ediciones Trea, 2002, p 16

O Património é formado pelo conjunto dos bens culturais, elementos de identidade colectiva e social, cuja noção implica um juízo de valor baseado em critérios estéticos ou históricos, justificativos da sua importância para a comunidade onde estão inseridos.

Por sua vez, esses critérios definem formas de conservação, preservação ou mesmo de restauro.

No início do século XX, Alöis Riegl (1858-1905), o mentor do moderno conceito de Património, entendia que toda a actividade e destino humanos, dos quais se havia conservado testemunho ou notícia, tinha o direito, sem excepção alguma, de reclamar para si um valor histórico considerado imprescindível a todos e a cada um dos acontecimentos. Mas, dado que não seria possível ter em conta os inúmeros os acontecimentos históricos de que se tinham conservado testemunhos directos ou indirectos, havia a obrigação de dirigir a nossa atenção, fundamentalmente, para aqueles representativos de etapas especiais de uma determinada actividade humana.²

Naquele tempo, Riegl referia-se, em particular, aos monumentos históricos arquitectónicos e até hoje, as noções de Património foram sendo gradualmente alargadas, contemplando, no momento, os domínios do intangível ou imaterial.

O Património é pois a identidade de um povo ou de uma pequena comunidade e constitui a sua memória evidenciada em numerosos objectos concretos e palpáveis ou virtuais e abstractos designados como bens culturais. A sua preservação cruza-se com os caminhos dos inventários, investigações e posteriores estudos. A preservação de qualquer testemunho entronca no conhecimento da razão da sua existência, dos agentes da sua criação, da sua finalidade última. É necessário e importante conhecer, identificar e estudar os bens culturais, mas isso depende da sua preservação e conservação para memória futura. Sem a cadeia dos seus diversos elementos identificativos, minimamente organizados, eles jamais poderão ser considerados como veículos transmissores de cultura e identidade patrimonial, tantas vezes revelada como o único e débil vínculo de ligação à família ou à distante comunidade natal. Os povos deslocados ou emigrados por numerosos e diversos motivos sentem-se unidos e até acarinhados pela visão ou simples lembrança descritiva de um local, monu-

² RIEGL, Alöis.- *El culto moderno a los monumentos. Caracteres y origen*. Madrid: Visor, 1987, p 24

mento, traje, cerimónia ou festa, melodia ou elemento gastronómico. Para isso, urge a existência de uma memória, recolhida e descrita. Esta é a motivação para a produção dos inventários de todos os bens culturais. Sem inventários não existe memória correcta. Os inventários preservam a lembrança do passado de maneira criteriosa, científica e transmitem-na o mais integralmente possível, enquanto contribuem para a sua salvaguarda e segurança. Eles contêm toda a informação "genética" dos bens culturais e constituem o ponto de partida para a elaboração do curriculum vitae de cada um.

A elaboração dos inventários nacionais dos bens culturais estatais, eclesiásticos e privados está muito longe de ser considerada completa, embora o Estado, a Igreja e muitos particulares venham a proceder à inventariação dos seus próprios bens, há já algum tempo. Mas, muito existe ainda para inventariar e mais ainda para preservar e conservar.

Lentamente, os responsáveis pelos bens culturais vão-se consciencializando da necessidade urgente de elaborarem os inventários desses elementos confiados à sua guarda, pois a acelerada degradação dos mesmos, ditada pelo natural uso e envelhecimento e, sobretudo, pela rápida e maléfica acção dos agentes de poluição ambiental, que a muito curto prazo, irá lavar a sua sentença de morte, traduzida na desintegração total e completa desses bens. Que restará deles, então? A memória da tradição oral, transposta para expressões como ... "ainda me lembro de ver..." ou "isso é muito antigo... era da minha avó!..."

A existência dos inventários permite elaborar formas de preservação, baseadas em técnicas e tratamentos preventivos, destinados a conceder aos bens culturais melhores condições de sobrevivência, para a permanência da identidade de uma sociedade.

Nos nossos diversos trabalhos desenvolvidos na área dos inventários de património móvel e imóvel, somos confrontados com uma grande e diversificada gama de peças ou de objectos cuja designação deve ser a primeira acção a considerar e a sua função, o ponto imediato. Todas as outras características são sequentes. Por vezes, temos dificuldades no reconhecimento da peça e socorremo-nos de informações obtidas de alguém, ainda próximo no tempo. A busca em registos arquivísticos ou outros é o passo seguinte. A nossa acção começa a ser dificultada, quando não encontramos a resposta básica. A memória desse objecto diluiu-se no tempo e torna-se difícil transformá-lo num elo de identidade cultural. Contudo,

impõe-se a necessidade e obrigação de preservá-lo e conservá-lo o mais possível no tempo, sem esquecer que a eternidade não existe. Devemos proporcionar-lhe as melhores condições de tratamento e acondicionamento para que o seu testemunho de identidade possa cumprir a missão final: unir culturalmente os membros de uma comunidade.

A nossa actual investigação, desenvolvida na área da conservação preventiva de têxteis, leva-nos a participar na elaboração de inventários efectuados para museus, dioceses, municípios ou solicitadas por uma igreja individualmente, como no caso presente. Nos inventários das alfaías litúrgicas, não raramente, nos surgem elementos de paramentaria, outrora, afectos ao culto, mas há muito retirados de funções e, em consequência disso, de difícil identificação. Noutras circunstâncias, procuramos peças, que sabemos terem existido e que, pelas mesmas razões, desapareceram. Esta última situação tem-se revelado altamente gravosa para a memória do património da Igreja. Vejamos pontos concretos.

As directrizes do Concílio Vaticano II, entradas em vigor a partir de 1965,³ afastaram das funções litúrgicas os frontais de altar, manípulos, véus de cálice, bolsas de corporais, pavilhões ou cortinas de Sacrário, umbelas e amitos tendo também reduzido para quatro as cores dos paramentos: branco, verde, roxo e vermelho. Assim, toda a paramentaria amarela, azul claro e a negra utilizada nas celebrações fúnebres, foi retirada e como consequência, em muitas igrejas, desapareceu de armários e arcazes.

A sua localização e fim são desconhecidos. Sabemos tratar-se de partes integrantes de conjuntos, que no momento actual de inventário, não podem ser referenciadas. Estes conjuntos, comportavam no mínimo, uma casula, uma estola, um manípulo, um véu de cálice e uma bolsa de corporais, podendo incluir ainda duas dalmáticas, com ou sem golas, uma capa de asperges ou pluvial, um véu de ombros e o frontal de altar. Por vezes e no caso de paramentos manufacturados com materiais muito nobres, - seda, prata, ouro – incluíam-se pálios, umbelas, panos de estante e de púlpito, pavilhões de Sacrário e diversos panejamentos dos mesmos materiais, usados como ornamento. As peças, que surgem isoladas, resultam de três situações possíveis: do aproveitamento de tecidos ricos e valiosos, da necessidade de substituir um elemento deteriorado ou do

³ *A adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica.* (nota pastoral) s.l.: Comissão Episcopal de Liturgia da Itália, 1996, p 29

desaparecimento das restantes peças do conjunto. Os vestidos e mantos de imagens, véus de píxide, almofadas, estandartes ou bandeiras são inventariados individualmente.

A elaboração de uma ficha de inventário respeitante a cada peça, integrada ou não num conjunto, é o ponto de partida para a sua preservação. É fundamental conhecer para estudar e para preservar.

A nossa acção nesta matéria desenvolve-se em duas áreas distintas, mas convergentes. O inventário propriamente dito, destinado a identificar peças de conjuntos ou individuais, a reconhecer materiais presentes na sua manufactura, atribuindo-lhes cronologias e origens, bem como a verificar o estado de conservação, elementos importantes para a determinação dos processos e técnicas a utilizar na sua preservação; a conservação preventiva, de forma a efectuar e garantir a estabilização possível dos materiais componentes, numa tentativa derradeira de evitar a passagem para o restauro, último estágio da vida de uma peça, em muitos casos, difícil, senão já impossível de efectuar, dada a sua avançada fase de deterioração. O trabalho do conservador deve reportar-se ao estudo completo da peça, no sentido de lhe criar e proporcionar as melhores condições físicas, a fim de lhe permitir uma mais longa permanência no tempo. Mas a fragilidade da grande maioria dos materiais têxteis, a pouca ou nenhuma importância dada a estes artefactos e a incúria e desleixo com que, quase sempre, foram tratados, conduziram à sua degradação e desaparecimento, sem nunca terem sido referenciados ou inventariados, deixando por isso, de ser considerados bens culturais e de contar como património transmissor de identidade.

O inventário dos paramentos e ornamentos da Igreja Paroquial de Lordelo do Ouro, integrado numa acção conjunta e abrangente de outras áreas, foi uma necessidade sentida pelo seu Reitor, demonstrativa do interesse e reconhecimento do valor cultural, que o património daquela instituição eclesíastica representa para a comunidade local.

O estudo dos materiais têxteis desta igreja, os paramentos e ornamentos, de forma a podermos elaborar o seu inventário e posterior conservação, iniciou-se com o reconhecimento do local de acolhimento – a estrutura arquitectónica - dos diversos contentores – armários, arcazes, gavetas e a sua localização - processos de acondicionamento – suspensos, estendidos, dobrados ou enrolados. Estes critérios básicos do nosso estudo, ditaram a forma de actuar em termos da conservação preventiva daquele património.

A Igreja Paroquial de Lordelo do Ouro, erigida no local de um anterior templo de modestas dimensões, tem como orago S. Martinho de Tours e desde sempre recebeu o apoio de duas importantes confrarias. A primeira, mais influente e com mais recursos, contou com os generosos contributos de donatários, como alguns membros da família Bessa Leite, foi inicialmente designada como Confraria do Santíssimo Sacramento e tendo assimilado posteriormente duas confrarias menores, passou então, a chamar-se Confraria do Santíssimo Sacramento e Senhor do Bonfim e Almas.

A segunda, de fundação posterior, é a Confraria de Nossa Senhora do Rosário.

A sã competição entre as confrarias resultou em diversos benefícios para os paroquianos mais carenciados e no enriquecimento do património móvel da Igreja.

No que respeita ao conjunto dos paramentos e sobretudo ornamentos por nós estudados, a ausência de documentos comprovativos de ofertas ou aquisições efectuadas pelas confrarias para a Igreja, destinadas ao culto ou para decoração do espaço sagrado, em ocasião de grandes celebrações votivas, não nos impede de concluir, empiricamente, da sua proveniência.

Dentro das nossas limitações temporais, em vão procurámos a confirmação documental de pedidos de encomenda, facturas ou recibos. Por isso, o nosso trabalho de inventariação daqueles elementos foi baseado em bibliografia técnica e científica, deixando para os elementos contabilísticos a possível função de enriquecimento da nossa acção.

Antes de iniciarmos o processo de inventário, efectuámos uma observação sumária do edifício, para entendimento do espaço e das respectivas condições de conservação.

A actual estrutura arquitectónica, um edifício datado de 1764, aparenta alguma solidez e possui os elementos fundamentais como pilastras, empenas e alguns panos de parede de granito, sendo as restantes de reboco, que em determinados pontos apresentam alguns sinais de fenómenos de capilaridade. A cobertura de telha e as aberturas não apresentam problemas evidentes. Pareceu-nos, portanto, em termos da conservação dos têxteis a inventariar, não existirem condicionantes, provenientes do mau estado de conservação do local de acolhimento. A exposição à luz, a humidade e temperatura, pestes e pragas, entre outros factores, resultantes do bom ou mau estado das diversas partes do edifício, reflectem-se na conservação dos paramentos.⁴

⁴ CASSAR, May.- *Preventive conservation and building maintenance*. " Museum management and curatorship". London: Butterworth-Heinemann, 1994, p 9

Em seguida, observámos os contentores presentes na sacristia contígua à capela-mor e ocupada pelos arcazes de madeiras tropicais, espaçosos, com profundas gavetas, que permitem um bom acondicionamento dos paramentos. Alguns encontravam-se pendurados em cruzetas, tratando-se principalmente, dos utilizados durante as celebrações do culto diário, na sua grande maioria confeccionados com tecidos actuais.

Na nossa inspecção, não foi detectada a presença de xilófagos ou de qualquer outra praga.

Após esta breve verificação, importante para a conservação preventiva do conjunto diversificado dos paramentos e ornamentos desta Igreja, iniciámos por fim, o seu inventário.

As peças de paramentaria apresentadas foram reunidas de forma a constituírem conjuntos, mas não foi possível obter algum, totalmente completo. Em certos casos, conseguimos reunir vários elementos da mesma tipologia, faltando outros, que sabemos terem existido. Mesmo perante estas manifestas lacunas, adoptámos o critério de os considerar como "elementos de conjunto", com base no material dominante : o tecido que surge na referência cronológica da peça, embora, em casos evidentes, a sua confecção seja posterior.

Um conjunto incompleto formado por uma casula, uma dalmática, uma estola, três manípulos e dois fragmentos de manga de dalmática, ao qual atribuímos o número 41, constitui o paramento mais antigo e o de maior valor. São diversas as razões para esta valorização. O material-base é seda de dois tons, branco marfinado e grenat lavrada a fio de metal dourado, criando o mesmo motivo vegetalista de folhas de videira estilizadas e presentes nos dois tecidos, produzidos intencionalmente, com a inclusão de símbolos cristológicos. A pequena dimensão dos motivos indicia-nos os finais do século XVII, primeiro quartel do século XVIII, enquanto a excelente qualidade dos tecidos nos faz apontar para uma produção espanhola ou italiana. O contexto político-económico português da época, ainda não permite atribuir-lhes uma produção nacional.

Um segundo ponto referencial é o tipo de galão curto, franjado, de seda e fio de metal dourado, já produzido no século XVI e largamente aplicado em paramentos de tecidos ricos, como os veludos lavrados originários de Lucca, Florença ou Veneza. Finalmente, a forma trapezoidal, pouco comum da casula, dotada de mangas amplas e a alternância conjugada dos dois tecidos, salientada pelo galão, dão uma requintada bele-

za aos sebastos divididos em painéis, bem como à sua envolvência. A dalmática segue a mesma orientação da casula. Trata-se, por isso, de um conjunto importante a preservar, embora se encontre bastante fragilizado. O valor reconhecido a estas peças está evidenciado na colocação na casula de um forro de tecido relativamente recente e no aproveitamento (com que finalidade?) dos dois fragmentos das mangas de outra dalmática, entretanto desaparecida.

Alguns paramentos correspondem já a um pleno período de grande riqueza e prosperidade nacional, o século XVIII, durante o qual a produção de damascos lavrados a fio de metal dourado, possivelmente prata dourada, corresponde ao apogeu da Real Fábrica das Sedas do Rato, donde saíam damascos, veludos e lhamas fornecidos à Casa Real e a todos os altos dignitários eclesiásticos.⁵

A Igreja de Lordelo do Ouro possui alguns frontais de altar, capas de asperges, pálios, casulas, véus de ombros e outros paramentos de damascos simples ou lavrados, nas diversas cores litúrgicas, em particular, vermelhos, amarelos e brancos, de boa qualidade e de manifesta produção nacional, dado que, durante aquele século também a Arquidiocese de Braga contava com algumas manufacturas de tecidos nobres em especial damascos, para confecção de paramentaria.⁶

O século XIX é aquele que contém maior quantidade de peças, algumas de qualidade inferior, mas que possui também os melhores bordados directos executados a fio e lâmina de metal dourado, utilizando todos os tipos de pontos de bordado a ouro, sobre veludos e cetins. Desta época existem diversos mantos e vestidos de imagens, dois véus de cálice de cetim branco marfim, decorados com bordados a fio dourado, reproduzindo símbolos eucarísticos e motivos florais aos quais foram atribuídos os números 38 e 39. Com maior importância pelo excelente trabalho de bordado directo, a fio de metal dourado, sobre cetim marfim, encontra-se o véu de ombros com o número 40, em cujo centro, um ramo entrelaçado de espigas de trigo, cachos de uvas, folhas e sarmentos de videira, circundado por grande auréola radiante, enriquecida pela inclusão de pequenos vidros vermelho escuro (granadas?) assume a decoração mais evidente. O restante

⁵ BASTOS Carlos - *O comércio e a indústria têxtil em Portugal*. Porto: Grémio Nacional dos Importadores de algodão em rama, 1950, p 75

⁶ VILAÇA, Isabel Maria Azevedo G. M. - *A indústria dos damascos em Braga. Situação actual*. Braga: Câmara Municipal de Braga, 1980, p 3

campo do véu está salpicado de minúsculos ramos de flores, emoldurados por larga decoração vegetalista, dando origem a uma peça de grande qualidade, enobrecida pela presença de sirgaria e borla douradas.

O século XX encontra-se representado por um conjunto incompleto (sem manípulos) de paramentos de tecido de seda verde, lavrado a amarelo, em bom estado de conservação, referenciado com o número 9 de proveniência compostelana. Apresenta dois elementos raros de encontrar: as golas das dalmáticas. O conjunto, igualmente incompleto (sem manípulo e véu de cálice), marcado com o número 58, de seda branca, lavrada, possui a casula decorada nas costas com bordado directo a fio de seda polícroma, com os símbolos dos quatro Evangelistas, representados pelo Tetramorfos, dispostos de forma a criar uma cruz, em cujo centro foi bordado a seda um crismon com Alfa e Omega, dentro de mandorla radiante.

Os panejamentos estão representados por quatro panos de porta, situados na capela-mor e são de feltro vermelho, decorados com bordados de aplicação. Agrupados em dois pares, o que apresenta um monograma cristológico enquadrado por largo galão dourado recebeu o número 75 de inventário; ao outro, com moldura de tecido claro de algodão e um ostensório no centro, foi atribuído o número 73. Um pano de porta principal, de maiores dimensões, igualmente de feltro vermelho, apresenta uma decoração central de bordado aplicado, representando o Cordeiro Divino sobre o Livro dos Sete Selos, dentro de auréola raiada e estrelada, sobre uma nuvem branca. Motivos eucarísticos – espigas de trigo, uvas e folhas de videira – reunidos por uma laçada branca completam a decoração principal, enquadrada por elementos florais e geometrizes. Este pano foi inventariado com o número 72.

Todos apresentam sinais de fragilidade e o seu estado de conservação é regular. Necessitam de limpeza museologicamente orientada, pontos de fixação e consolidação de partes dos bordados.

Quanto ao grupo dos ornamentos, encontrámos um grande e excelente núcleo de sanefas, cortinas e laços de veludo liso carmim, decorados com diversos motivos florais e eucarísticos, bordados directamente, executados a fio e lâmina de metal dourado, com pontos de bordado a ouro e rematados com galões e franjas douradas. Este núcleo recebeu o n.º 43 e as peças estão marcadas com o nome dos diversos altares para onde foram confeccionados. Pela quantidade, tipologia dos elementos bordados e pela nobreza do tecido e da decoração, julgamos estar perante peças uti-

lizadas na decoração do espaço sacro durante a festividade de Corpus Cristi ou do Santíssimo Sacramento, em íntima relação com a confraria da mesma devoção. Em simultâneo, existem dois pares de sanefas de cetim branco marfim, bordadas directamente a fio de metal dourado, com motivos vegetalistas a enquadrar monograma mariano num caso e noutro há uma coroa real aposta sobre um rosário. Trata-se de evidentes ornamentos utilizados na festividade de Nossa Senhora do Rosário, provavelmente relacionados com a confraria do mesmo nome. A estes pares de sanefas valorizadas pela aplicação de galões e largas franjas douradas com berloques, foram atribuídos os respectivos números 17 e 18. Todas as peças ornamentais encontram-se, regularmente, bem conservadas, embora apresentem lacunas; algumas partes têm falta de suporte e natural sujidade.

Na sequência desta inventariação, aproveitámos para dispensar às peças estudadas algum tratamento preventivo, no sentido da sua preservação como testemunho de identidade da antiga comunidade paroquial, de ampla e forte actividade religiosa e social, desenvolvida pelos inúmeros e abastados confrades. Grandes procissões, missas solenes em honra do Santíssimo Sacramento e da Virgem do Rosário justificavam a confecção de paramentos e ornamentos com alguma sumptuosidade, cuja existência actual comprova a dimensão daquelas festividades, associada à grande quantidade de opas vermelhas e brancas usadas durante as respectivas celebrações.

Como já havíamos referido, o nosso trabalho partiu de uma verificação sumária do edifício e dos contentores.⁷ Das nossas conclusões, verificámos ser necessária a aquisição de alguns metros de pano cru, destinados a forrar os espaços, onde iríamos instalar as peças, de acordo com as suas características. A colocação correcta e adequada das mesmas passava por estendê-las e jamais pendurá-las em cruzetas impróprias, das quais já havíamos retirado algumas.

Uma "caixa" de madeira de grandes dimensões, de tampo amovível, sobreposta a um conjunto de seis espaçosas e profundas gavetas, utilizada como mesa de reuniões, revelou-se o espaço ideal para a colocação de frontais de altar, capas de asperges, véus de ombros, mantos e vestidos de imagem, cortinas e sanefas. Forrada totalmente, com o material solicitado, recebeu todas as peças, que deviam permanecer estendidas, em alternân-

⁷ PINNINGER; David .- *Integrated pest management*. London: Museums and Galleries Commition, 1998, p 26-27

cia, para melhor distribuição do peso, sem dobras nem vincos, separadas entre si por pedaços do mesmo pano ou por folhas de papel *acid free*⁸. A colocação foi iniciada pelas peças mais pesadas e de maiores dimensões, terminando com as mais leves e mais fragilizadas. As borlas douradas foram envolvidas em tecido ou papel, as mangas preenchidas, os espaços mais pequenos receberam peças de menor dimensão. No final, tudo foi coberto com pano cru.

As gavetas, foram igualmente forradas e acolheram casulas, estolas, manípulos e outras peças menores, tendo sido reservada uma, apenas para as opas das respectivas confrarias e outra para conter todos os diversos objectos de madeira e metálicos, cabeleiras, sirgarias e afins, usados como elementos de apoio ou complementares de andores, estandartes e imagens.

Dado que, algumas peças provenientes de outros contentores situados no sótão, tinham estado em contacto com pragas de xilófagos, embora não evidenciassem sinais da sua acção, foram inspeccionadas, separadas e arejadas antes de sua colocação no novo contentor, em conjunto com outras peças. Foram também introduzidos, na caixa de madeira e em cada gaveta, devidamente acondicionados, alguns cubos de cânfora, como produto repelente de insectos nocivos, substituto da retirada naftalina.

Finalmente, para os diversos panos de porta, alguns vitimados por forte e grande acção de pragas de insectos ainda activos (traças, carunchos) foi recomendada a sua temporária retirada de uso, a fim de serem limpos mecanicamente, aliviados de elementos impróprios e nocivos para a sua conservação, como alfinetes de ama enferrujados e receberem tratamento de espurgo das pragas, pelo processo da ultra-congelação.⁹ Após esta acção, entendemos que deverão ser aplicados sobre um forro de pano cru, dotado de estrutura própria e completa para a sua correcta suspensão, no caso de voltarem a ser utilizados nas suas funções. Contudo, tal como já havíamos recomendado para outras peças de valor cultural e identificativo desta comunidade paroquial, a sua retirada de uso seria o melhor destino a dar-lhes, em nome da preservação e conservação destes bens portadores da memória colectiva dos membros da Igreja Paroquial de Lordelo do Ouro.

⁸ Tipo de papel de seda, isento de acidez, destinado a embalar e proteger objectos e/ou material museológico, sendo por isso um produto inócuo, tal como o pano cru.

⁹ SIMIONE, Frank P. *Storage in standard and ultra-cold freezers. Living biological specimens.* "Storage of Natural History collections: a preventive approach." Iwoa: Society for the Preservation of Natural History collections, 1995, p 157.

BIBLIOGRAFIA:

- *Adaptação (A) das igrejas segundo a reforma litúrgica*. (nota pastoral) s.l.: Comissão Episcopal de Liturgia da Itália, 1996
- BASTOS, Carlos .- *O comércio e a indústria têxtil em Portugal*. Porto: Grémio Nacional dos Importadores de algodão em rama, 1950
- CASSAR, May .- *Preventive conservation and building maintenance*. "Museum management and curatorship". London: Butterworth-Heinemann, 1994
- HERNÁNDEZ, Francisca Hernández .- *El patrimonio cultural: la memoria recuperada*. Gijón: Ediciones Trea, 2002
- PINNINGER, David .- *Integrated pest management*. London: Museums and Galleries Commission, 1998
- RIEGL, Alois .- *El culto moderno a los monumentos. Caracteres y origen*. Madrid: Visor, 1987
- SIMIONE, Frank P. *Storage in standard and ultra-cold freezers. Living biological specimens*. " Storage of Natural History collections: a preventive approach". Iwoa: Society for the Preservation of Natural History collections, 1995
- VILAÇA, Isabel Maria Azevedo G.M. .- *A indústria dos damascos em Braga. Situação actual*. Braga: Câmara Municipal de Braga, 1980



Fig. 1 - Pano de porta principal - Lordelo do Ouro - n.º 72



Fig. 2 - Sanefa (pormenor) - Lordelo do Ouro - n.º 43



Fig. 3 - Véu de Ombros (pormenor do centro) - Lordelo do Ouro - n.º 40

588



Fig. 4 - Véu do Ombro - Lordelo do Ouro - n.º 40



Fig. 5 - Sanefas - Lordelo do Ouro - n.º 17



Fig. 6 - Véu do Ombro - Lordelo do Ouro - n.º 18



Fig. 7 - Dalmática do conjunto - Lordelo do Ouro



fig. 8 - Casulo do conjunto - Lordelo do Ouro